
O PROGRAMA PANDÊMICO E A URBE: O CASO DE BERLIM***THE PANDEMIC PROGRAM AND THE CITY: THE CASE OF BERLIN***

LUCRECIA D'ALESSIO FERRARA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

REGIANE MIRANDA DE OLIVEIRA NAKAGAWA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

ADRIANA MACIEL GURGEL SANTOS

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DESIRÉ BLUM MENEZES TORRES

Universidade Estadual de Londrina

FABÍOLA BALLARATI CHECHETTO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

MARIA LUÍSA ACIOLI FALCÃO DE ALENCAR

Universidade de São Paulo

LUIZ FERNANDO DE BIAZI SEBA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

6

Resumo: O artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa mais ampla, voltada à análise da maneira pela qual a pandemia do novo coronavírus intervém no cotidiano das cidades. Em especial, será discutido um experimento de análise realizado no bairro Prenzlauer Berg, localizado na parte nordeste da cidade de Berlim. Por meio dessa localidade, buscou-se discutir de que maneira a ameaça representada pelo outro, em meio à pandemia, se articula de modos distintos no urbano e na cidade, devido à ação exercida pela memória informacional (LOTMAN, 1996) de ambos. No caso em questão, observou-se que o programa urbano não apenas contribui para ampliar a sensação de segurança, o que torna o outro menos ameaçador, como igualmente intervém na maneira pela qual se dão os encontros que constroem a cidade vivida.

Palavras-chave: Cidade. Urbano. Memória Informacional. Berlim. Pandemia.

Abstract: The article presents the partial result of a broader research, focused on the analysis of how the pandemic of the new coronavirus intervenes in the daily lives of cities. In particular, an analysis experiment carried out in the Prenzlauer Berg district, located in the northeastern part of the city of Berlin, will be discussed. Through this location, we sought to discuss how the threat posed by the other, during the pandemic, is articulated in different ways in the urban and in the city, due to the action exercised by the informational memory (LOTMAN, 1996) of both. In this case, it was observed that the urban program not only contributes to increasing the feeling of security, which makes the other less threatening but also intervenes in the way in which the meetings that build the lived city take place.

Keywords: City. Urban. Informational memory. Berlin. Coronavirus pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Com a pandemia do novo coronavírus, a dinâmica da urbe foi fortemente afetada. Sobretudo no primeiro semestre de 2020, inúmeras cidades pelo mundo passaram por um rigoroso lockdown, o que fez com que muitas delas se esvaziassem quase por completo. Com a paulatina retomada de parte das atividades cotidianas, apesar de inúmeras restrições, muitas cidades ganharam uma nova visualidade: inúmeras sinalizações, inseridas sobretudo em locais de grande fluxo, buscam normatizar os modos de “estar” na urbe, como forma de evitar a proximidade e os encontros. Mesmo quando tais indicações não se mostram tão ostensivas, a visualidade construída pelas máscaras, cujo uso passou a ser obrigatório em boa parte dos espaços públicos pelo mundo, impõe-se como um importante indicativo acerca da necessidade de manter distância do outro. Em ambos os casos, nota-se a recorrência acerca da ideia de que o outro passou a ser, sobretudo, uma ameaça.

Como lembra o semiótico da cultura Iuri Lotman (2008, p. 12), ameaça e medo estão diretamente relacionados, uma vez que “[...] não é a ameaça que produz o medo, mas o medo é que produz a ameaça”¹. O autor ainda aponta que aquilo que se configura como “objeto de medo” deve ser entendido, antes de tudo, como uma “[...] construção social, a criação de códigos semióticos, com cuja ajuda a sociedade em questão se codifica a si mesma e ao mundo circundante”². Tal compreensão nos permite aventar que, no âmbito do novo coronavírus, não apenas o vírus biológico constitui objeto do

¹ No original: “[...] no es la amenaza la que crea el miedo, sino que el miedo el que crea la amenaza”.

² No original: “[...] construcción social, la creación de códigos semióticos, con cuya ayuda la sociedad en cuestión se codifica a sí misma y al mundo circundante”.

medo, mas todo o conjunto de reverberações que ele gera na sociedade e na cultura e que não podem ser dele dissociados, sob o risco de se desconsiderar, justamente, o espaço semiótico de relações que, de fato, constrói a complexidade do fenômeno coronavírus na atualidade.

Nesse sentido, entendemos que a urbe passou a se configurar como um dos “objetos do medo” relacionados ao coronavírus, de modo a tornar qualquer forma de encontro uma ameaça em potencial. Ao mesmo tempo, são justamente os encontros que constroem a cidade como tal. Aqui, entendemos que urbano e cidade (FERRARA, 2000; SANTOS, 1994) ou *ville* e *cit * (SENNETT, 2019) reportam-se a dois fenômenos distintos: o primeiro concerne ao espaço programado pelo planejamento urbano, ao passo que a cidade se constrói pela interação entre seus habitantes, da qual decorre a redefinição e ressignificação dos espaços edificados pelo urbanismo.

Dessa forma, justamente aquilo que constrói a cidade é o que deve ser evitado. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar que os diferentes usos do espaço, dos quais decorrem a constituição das espacialidades da cultura (FERRARA, 2008), constroem uma memória semiótico-informacional singular que, segundo Lotman (1996), geram programas de ação futuros. Isso nos permite pressupor que qualquer tentativa de regular o modo de “estar” no espaço em face da pandemia ocorre de formas diferenciadas no urbano e na cidade, uma vez que ambos possuem memórias específicas, da mesma forma que o “medo”, em cada um deles, se articula de modo distinto, o que igualmente altera a gradação da ameaça representada pelo outro. Nesse sentido, cumpre questionar: de que maneira, em diferentes contextos, se dá o agenciamento do medo no urbano e na cidade, considerando o atual cenário da pandemia do novo coronavírus?

Assim, no âmbito deste trabalho, buscaremos explorar a seguinte hipótese: como se constitui num espaço programado, o urbano tende a ser menos amedrontador que a cidade, uma vez que, sobre ele, sobrepõe-se uma programação (ou seja, aquela decorrente da pandemia) sobre outra já existente, o que, inevitavelmente, constitui um facilitador para evitar o encontro dos corpos. Ao mesmo tempo, quanto mais estruturado e menos desigual o urbano, menos ameaçadora seria a cidade que se constrói na relação que se estabelece com ele.

Mais especificamente, este trabalho apresenta o resultado parcial de uma pesquisa mais ampla, voltada ao estudo de diferentes cidades pelo mundo, em que se adotou Berlim, capital da Alemanha (mais especificamente o bairro Prenzlauer Berg, localizado na parte nordeste da cidade, vizinho ao centro), como objeto de experimentação empírica da comunicação. A escolha deste objeto é justificada não apenas pela vivência cotidiana de uma pesquisadora do ESPACC na capital alemã mas, principalmente, pela riqueza da instância comparativa entre Berlim e as demais cidades habitadas pelos pesquisadores do grupo (como São Paulo, Salvador e Londrina)³. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho e a partir dos dados coletados nessas cidades, verificou-se que a pandemia, ao mesmo tempo em que atinge os diferentes espaços urbanos de modos distintos, exacerba, em todas estas cidades, suas características existentes, amplificando-as. Neste contexto, considerou-se relevante explicitar, inicialmente, as relações flagradas durante a pandemia entre espaços programados e vividos berlinenses.

Assim, foram realizadas inúmeras derivas na localidade (DEBORD, 2003), em diferentes dias e horários da semana, em que se objetivou apreender de que maneira o medo se articula de modos distintos no urbano e na cidade, considerando as diferentes temporalidades e espacialidades que neles se sobrepõem, ou seja: a memória informacional relativa ao uso do espaço e as construções sócio-informacionais decorrentes da pandemia que, por sua vez, contribuem para ampliar e ressignificar a memória já existente. Nesse sentido, interessa-nos pontuar a heterogeneidade e os traços distintivos de espacialidades que se constroem em meio à pandemia o que, por sua vez, impede a consideração de uma homogeneização no modo como a cidade pode ser entendida nesse cenário.

³ Este é, portanto, o primeiro de uma série de artigos desenvolvidos pelo ESPACC acerca de cidades pandêmicas. Os textos sobre São Paulo e Salvador encontram-se em elaboração pelos pesquisadores do grupo. É importante ressaltar ainda que a análise do objeto empírico desta pesquisa, realizada por uma brasileira residente em Berlim há cinco anos, sofreu, inevitavelmente, a mediação de um olhar estrangeiro.

2 ESPAÇO URBANO E CIDADES: CONTEXTO PANDÊMICO

A compreensão das possíveis relações entre o urbano e a cidade (FERRARA, 2008; SANTOS, 2003) parece ser fundamental para apreender os modos de viver durante e após a pandemia de coronavírus. O espaço, enquanto natureza do urbano, existe e é viabilizado por programas, ou seja, é planejado a partir de um conjunto de regras que definem suas características físicas (matéria edificada) e ordenam seu uso. Há, portanto, uma instância de disciplinamento e de controle, bem como de aprendizagem, no uso do espaço urbano, isto é, institucionaliza-se um modo de utilização a ser seguido e que, em caso de descumprimento, pode ser passível de punição.

Este espaço planejado e desenhado para funcionar de determinada maneira é apropriado de modo contínuo e imprevisto pelas trocas cotidianas que, nesse processo, configuram-no como espacialidade, a dimensão comunicativa do espaço. O urbano é, assim, vivenciado como cidade a partir dos encontros/conflitos que abriga. Espaço programado e espacialidade vivida não devem ser entendidos como dicotomias, mas como instâncias complementares que não existem em si mesmas e cujo movimento possibilita a emergência de lugares de fricção, alteridade, conexões e conflitos e, sobretudo, de intercâmbios tradutórios que se constroem na fronteira semiótica, tal como foi definida por Lotman (1996). Para Certeau (2008), é a partir da invenção da vida cotidiana que o sujeito se apropria, a seu modo, de espaços e objetos. Habitar um lugar permite, assim, que se desvie de conceitos e uso predeterminados, reinventando espaços e criando espacialidades, que transformam visualidades e fazem emergir novas visibilidades.

Esse conhecimento da cidade e de seu comunicar constitui-se, assim como aquilo que o engendra, como contingente (porque situado no tempo e no espaço) e imprevisto ao manifestar, entre as frestas do programado e vivido, distintos modos de fazer/ser (n)a cidade. Os diferentes suportes, transformados em meios pelo uso, comunicam hábitos e valores que aproximam ou distanciam moradores e cidades, numa relação de contínua de inevitável ambivalência. Espaços urbanos e cidades, ou seja,

espaços programados e espacialidades vividas apresentam, assim, características simultaneamente opostas e complementares, que se manifestam cotidianamente e são flagradas pelo olhar atento daquele que se faz presente. A ambivalência, isto é, a “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria”, como aponta Bauman⁴ (1999), é portanto uma característica inerente à cidade, que pode ser vivenciada em suas distintas manifestações comunicativas.

Habitar a cidade é, portanto, praticá-la, tanto nos espaços públicos (livres ou com restrição de acesso), como nos locais privados (abertos ao público ou não). O programa já estabelecido (vigente) é continuamente modificado a partir da adaptação (atualização) de funções antigas às novas necessidades e desejos. A atual pandemia tem alterado, inevitavelmente, o modo como se vive a cidade; isto ocorre não apenas na maneira como os espaços são apropriados, mas também, em uma instância anterior, no modo como espaços públicos e privados são identificados por aqueles que os utilizam. Pode-se citar, neste contexto, os espaços livres voltados ao uso comum que, antes reconhecidos como lugares de encontro, passam a ser identificados como lugares de medo ao possibilitarem o arriscado acesso ao outro; e espaços antes considerados como transições entre o público e o privado (como janelas, varandas e terraços), subitamente publicizados ao se construírem como único lugar de exterioridade possível.

Ainda que em graus distintos, com impactos mais severos e de várias ordens em locais mais vulneráveis (como favelas, assentamentos informais, bairros periféricos ou comunidades de refugiados, bem como em cidades mais desiguais), a experiência abrupta e violenta do novo coronavírus tem sido vivenciada de modo quase simultâneo em todo o mundo. Grande parte dos países atingidos adotou medidas semelhantes, isto é, definiu-se um “programa pandêmico” a ser seguido com maior ou menor rigidez, a fim de conter o potencial de disseminação e as trágicas consequências da contaminação por um vírus desconhecido.

Em relação ao espaço urbano, as ações implementadas para que as cidades sobrevivam à pandemia têm apresentado desdobramentos distintos, de acordo com o contexto econômico, social, ambiental e cultural analisado. Não há, portanto, um

⁴ No livro *Modernidade e Ambivalência*, Bauman (1999, p. 09), conceitua a ambivalência como “uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar”. Neste sentido, o autor interpreta e analisa as relações de tal desordem da linguagem com a pretensão de ordem do projeto moderno.

figurino de “cidade pandêmica”, mas diferentes apropriações das determinações oficiais e manifestações que variam entre cidades e mesmo dentro de uma mesma cidade, de acordo com as características meditativas e interativas do espaço investigado. Deste modo, dependendo do planejamento em vigor e da dimensão física do urbano que daí decorre, tem-se distintas espacialidades e visibilidades. As regras de uso (ou, no caso, de não utilização) do espaço, no entanto, aproximam-se e têm como um de seus principais objetivos evitar e mesmo proibir, a fim de reduzir o risco de contaminação pelo vírus, aquilo que define a cidade, ou seja: os deslocamentos e o encontro com o outro, as trocas cotidianas, as relações de alteridade.

Ao programa urbano vigente sobrepõem-se, de modo brusco e inesperado, restrições rigorosas de movimento, limitações e direcionamentos ostensivos dos deslocamentos possíveis, barreiras para evitar o acesso a determinados locais. O espaço público é, neste contexto, fisicamente esvaziado, tendo sua significação enquanto lugar de encontro suspensa. Sua visualidade é subitamente alterada a partir da inserção de novos signos, como as marcações de piso e parede (indicações de fluxos e paradas com distanciamento calculado, sinalização de entradas e saídas, indicação da quantidade permitida de pessoas, cartazes explicitando a obrigatoriedade do uso de máscaras, palavras de ordem diversas etc.) e as barreiras físicas para a redução de contato, bem como pela disseminação do uso de proteções faciais (máscaras cirúrgicas ou de tecido, cachecóis e lenços cobrindo nariz e boca, *face shields*). Este novo programa reconfigura o espaço público e o espaço privado aberto sob a interferência de constantes ameaças: nesses locais constroem-se os lugares que disseminam o vírus que não se conhece; nestes espaços está o outro, aquele que não se sabe infectado ou não e que, por isso, é indesejado, inóspito – o verdadeiro inimigo.

Ao mesmo tempo, há também uma dimensão comunitária inalienável aos protocolos pandêmicos, pelos quais se explicita a necessidade de se pensar em si e no próximo para que as ações previstas alcancem os objetivos planejados. O programa atual demanda, assim, não apenas que as diretrizes sejam obedecidas, mas também que se exija do outro este cumprimento, para que todos possam ter o risco de contágio minimizado.

3 O URBANO E A CIDADE NA ATMOSFERA DO MEDO

A ameaça reverbera na pele sensível da cidade que, viva e política, escapa ao controle do urbano, fazendo do medo uma insurgência perceptiva de forte apelo na ordem da “psicosfera” (SANTOS, 2003) e que, ao reagir para proteger o corpo vivente exposto à proximidade dos contatos, reformula regras na esfera comum das ruas, estabelecimentos, empresas e lugares de convivência. Cabe lembrar que a esfera psíquica trabalha entre os corpos e suas mediações, de modo complementar à “tecnosfera” (SANTOS, 2003).

Em meio à pandemia, a fixação dos hábitos é colocada em jogo, pois os fluxos, os fixos, as perdas e “ganhos” de sentidos requerem outras visualidades desse agir, imbricadas intensamente nas semânticas das sensibilidades. As antigas e novas experiências do “viver” na cidade, negando ou reiterando a realidade pandêmica em suas várias fases no tempo, se chocam com o que antes estava presente no imaginário social e afetivo. Estas outras visualidades (im)perceptíveis possibilitam ou não a visibilidade do temor e vêm sendo constituídas pelo pandêmico comunicativo das cidades, em um contágio que, decorrente do possível apelo interativo, reage à proteção funcional das mediações.

Face à realidade de uma crise sanitária perdurante e considerando as múltiplas cidades pandêmicas que constituem um mesmo território globalizado, somos compelidos a revisitar a distinção entre os planos mediativo e interativo da comunicação desenvolvidos na cidade.

A cidade é um meio no qual a comunicação é refeita pelos jogos sensíveis e imprevisíveis, e o medo ou sua ausência incidem diretamente na cultura que entrelaça fatos recentes do início da pandemia com outras pandemias vivenciadas na história. Sendo a cultura “[...] a memória não hereditária de uma coletividade; uma memória que, longe de servir como simples armazém ou recipiente, é capaz de gerar novas informações e produzir novos sentidos”⁵ (LOTMAN, 2007, p. 6), os novos sentidos da

⁵ No original: “[...] la memoria no hereditaria de una colectividad; una memoria que, lejos de servir como simples almacén o contenedor; es capaz de generar nuevas informaciones y producir nuevos sentidos”.

comunicação do urbano na cidade aparecem, no presente, impostos pelos protocolos urbanos implantados com o objetivo de fazer minguar a atividade viral.

Por conta do medo, comportamentos e motivações oscilam entre pessoas que habitam a cidade face às “palavras de ordem” lançadas pelo Estado, pela grande mídia ou pelas mídias sociais digitais, relativas à necessidade de isolamento e distanciamento entre as pessoas. Há, também, o estranhamento na mudança forçada de hábitos já presentes no cotidiano como, por exemplo, estar próximo das pessoas sem o uso de máscaras, frequentar bares e restaurantes etc.

A propósito de estranhamento, a adesão à máscara é um dos exemplos de meio técnico mais visível entre as pessoas pois, sendo um dispositivo interposto entre o rosto, o ar, o vírus, a letalidade e o medo do outro, faz perceber que o dentro e o fora nas conversações do espaço público tornaram-se espaços, talvez, possíveis.

Diferenças substanciais estão acontecendo nos modos como a cidade reage e aparece, apesar de algumas de suas características, especialmente a das desigualdades abaixo dos trópicos ou da situação de bem-estar social de uma cultura europeia estarem, mais do que nunca, estruturalmente presentes.

As relações que antes se mantinham invisibilizadas pelo “antigo normal”, depois do alastramento da Covid-19, foram expostas e começam a aparecer em um “normal” que, devidamente problematizado, tampouco pode ser considerado como “novo”. Passamos a ver o medo nas suas vertentes polarizadas – de grupos que negam a crise sanitária, possivelmente em movimento de negar o medo, naturalizando seu agir ao tentar reproduzir a sensação de uma existência normalizadora e rebelando-se contra a ciência na luta por uma liberdade individual.

Em contraposição, há grupos que, reclusos nos espaços privados, aguardam a imunização e cuidam de si na tentativa de cuidar dos outros. E há ainda aqueles que se encontram nas nuances entre os polos. Sob o efeito da pandemia, os medos concretos e imaginários concorrem na cidade e fazem parte da mudança em sua visualidade. Observamos então, algumas especificidades desse processo apreendido pelo olhar de uma pesquisadora estrangeira, no espaço brasileiro/germânico em uma etnografia da cidade pandêmica, na análise de sua vivência do cotidiano em Prenzlauer Berg, bairro vizinho ao centro de Berlim, Alemanha.

4 BERLIM

4.1 O PROGRAMA PANDÊMICO

Em março de 2020, a Alemanha superava a marca de 12.000 infectados pelo novo coronavírus e era um dos locais mais afetados na Europa. O lockdown, medida mais severa utilizada para restringir a interação entre pessoas, ao limitar a circulação em espaços públicos e interromper atividades comuns por um período de tempo determinado, foi então implementado. A ordem de fechamento efetivada pelo lockdown, imposta pelo Estado e obrigatória, suspendeu, em Berlim, as atividades de todos os estabelecimentos comerciais não essenciais, assim como escolas, creches, equipamentos culturais e esportivos. Supermercados, lojas de conveniência e farmácias continuaram abertas e a circulação em locais públicos foi permitida apenas para compras de itens de primeira necessidade e medicamentos, idas a hospitais e trabalho, além de saídas para ajudar familiares ou para a prática de esportes ao ar livre (com indicação de limite de tempo e número de pessoas)⁶. Ao mesmo tempo, o espaço público e o espaço privado de uso comum passaram a se configurar, conforme citado anteriormente, a partir de marcações físicas (localizadas principalmente em pisos e paredes, mas também em totens, placas etc.) que explicitavam as limitações de movimento (direções de fluxo, entradas e saídas) e indicavam o distanciamento a ser obedecido (mínimo de 1,5m), além de explicitar as novas regras de contato social (utilização obrigatória de proteções faciais e indicação de higiene adequada das mãos, restrição do número de pessoas em determinados locais, tanto abertos como fechados etc.). Barreiras de contato (como placas transparentes em guichês, caixas de supermercado e farmácias, consultórios médicos etc.) também foram incorporadas aos espaços de uso comum (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7).

⁶ Antes mesmo do primeiro *lockdown*, instituiu-se restrições temporárias de tráfego e viagens desnecessárias foram desencorajadas.



Figuras 1, 2, 3, 4 - Indicações de piso e parede localizadas nas estações de metrô e trem Schönhauser Allee e Friedrichstraße

Fonte: Adriana Gurgel, março e agosto de 2020



Figuras 5, 6, 7 - Restrição do número de usuários em parque para crianças e em local aberto para a prática de esportes em Prenzlauer Berg, Berlim

Fonte: Adriana Gurgel, março e agosto de 2020

As restrições impostas em março foram estendidas para o feriado da Páscoa e as medidas começaram a mostrar resultados no início de abril, com a redução das taxas de transmissão. Em maio, as escolas e creches abriram gradualmente e as lojas e salões de cabeleireiros voltaram a operar sob protocolos rígidos de higiene. Bares e restaurantes reabriram a partir do início de junho e, com a queda no número de novas infecções, os alemães viajaram nas férias de verão.

Em seus frequentes pronunciamentos no primeiro semestre de 2020, Angela Merkel enfatizou a necessidade e a urgência de se compreender a extensão do desafio imposto pela pandemia e a dimensão comunitária de seu enfrentamento, afirmando que os cidadãos precisariam permanecer “vigilantes e disciplinados” (MERKEL, 20.04.20), “corajosos e vigilantes” (MERKEL, 13.05.20).

A vigilância da comunidade e seu engajamento no combate ao coronavírus contam, desde junho de 2020, com o aplicativo gratuito Corona-Warn-App, uma “companhia e proteção” (MERKEL, 20.06.20) de utilização voluntária em que o usuário pode ajudar a quebrar cadeias de contágio e evitar novas infecções ao informar seu resultado positivo para o coronavírus. Aqueles que têm contato com alguém infectado (teste positivo) são informados do risco de transmissão a que estão sujeitos, de acordo com o tipo e a duração do contato (baixo ou alto risco), e recebem orientações sobre como proceder⁷.

Em sua fala acerca da ferramenta, em junho de 2020, Merkel fez um apelo para a população utilizar o aplicativo, pois “até que uma vacina esteja disponível, será preciso aprender a conviver com o vírus” (MERKEL, 20.06.20). A chanceler alemã terminou seu pronunciamento com uma frase que se tornou frequente na comunicação durante a pandemia, “Bleiben sie gesund” (“Mantenha-se saudável”), e que se relaciona com outros imperativos do programa pandêmico como “Halten Sie Abstand” (“Mantenha distância”), “Rücken Sie Ihre Maske zurecht” (“Ajuste sua máscara”) e, no limite, “Bleiben Sie zu Hause” (“Fique em casa”). O outro é entendido como ameaça, como um perigo ambulante e, neste momento da pandemia, o doente ainda é aquele que, de modo irresponsável, não cumpriu as recomendações (Figuras 8, 9, 10).

⁷ “O Corona-Warn-App utiliza a tecnologia Bluetooth para medir a distância e a duração de encontros entre pessoas que têm o aplicativo instalado. Os smartphones armazenam estes encontros, caso os critérios de distância e tempo determinados pelo Robert Koch Institut (RKI) sejam atendidos. Se um usuário do aplicativo testa positivo para coronavírus, todos que tiverem contato com este usuário serão informados” (<https://www.bundesregierung.de/breg-de/themen/corona-warn-app>). A privacidade dos usuários é protegida e suas informações não são salvas. O aplicativo encontra-se disponível para download gratuito na Apple Store e Google Play em seis línguas (alemão, inglês, romeno, búlgaro, polonês e turco). De junho de 2020 (data de seu lançamento) até meados de dezembro do mesmo ano, foram realizados, nas duas plataformas, 23,5 milhões de downloads (<https://de.statista.com/statistik/daten/studie/1125951/umfrage/downloads-der-corona-warn-app>, acesso em dezembro de 2020).



Figuras 8, 9, 10 - Imperativos pandêmicos (“Desinfete suas mãos!”, “Por favor, utilize proteção facial!”) e a dimensão comunitária do cuidado e proteção consigo e com o outro (“Proteja a si mesmo. E aos outros”; “Por favor, ajude-nos / Obrigada por sua ajuda!”)

Fonte: Adriana Gurgel, março de 2020

No início de novembro de 2020, a Alemanha entrou em lockdown parcial, com escolas e creches abertas, assim como lojas e salões de cabeleireiros. Angela Merkel, em fala no Parlamento alemão no dia 09 de dezembro (após a Alemanha relatar um recorde de 590 mortes no início do mês), advertiu que as restrições nacionais efetivadas a partir do começo de novembro não haviam se mostrado suficientemente eficazes. Esta, que deveria ter sido a 16ª e última vez que a chanceler alemã apresentou e defendeu o orçamento federal do ano seguinte no Bundestag, tornou-se a defesa veemente da adoção de medidas mais rigorosas para retardar a propagação do novo coronavírus, embasadas pelas recomendações da Academia Nacional de Ciências - Leopoldina⁸.

Ao final da primeira quinzena de dezembro, as medidas restritivas tornaram-se novamente mais rigorosas, com o fechamento do comércio não essencial, salões de beleza e centros de estética, bem como de escolas e creches. A restrição de contato entre pessoas também foi mantida (regra temporariamente alterada apenas no Natal, entre 24 e 26.12.20, e sem exceções no Ano Novo, que contou ainda com a proibição de utilização de fogos de artifício e do consumo de bebida alcoólica em locais públicos). Os tradicionais mercados de Natal alemães, responsáveis pela marcante visibilidade do frio mês de dezembro (barracas iluminadas vendendo comidas típicas, vinhos e chás quentes, castanhas assadas e linguiças), bem como os festejos oficiais de final de ano,

⁸ Cf. <https://www.leopoldina.org/leopoldina-home>. Acesso em dezembro de 2020.

foram cancelados. Ainda em 2020, os centros de vacinação de Berlim (seis no total) encontravam-se prontos para operação, mas a quantidade de doses da vacina disponíveis ainda era bastante reduzida⁹.

O *lockdown* adotado em dezembro de 2020 vem sendo estendido ao longo de 2021. No início de janeiro, apesar das medidas restritivas, o número de novas infecções voltou ao patamar de antes do Natal¹⁰ e a vacinação continuava em ritmo lento (0,44% da população vacinada em 08 de janeiro de 2021). Na última semana de janeiro, a Alemanha implementou a proibição de entrada de viajantes provenientes de países considerados áreas de risco (Brasil, Irlanda, África do Sul e Reino Unido, além de Lesoto e Essuatíni) por conta do surgimento de novas variantes¹¹. No início de fevereiro, o número de novas infecções e mortes foi reduzido, mas não de modo satisfatório, e o lockdown vigente foi mais uma vez estendido, ainda que com previsão de algum relaxamento nas medidas restritivas (volta às atividades de creches e escolas no final de fevereiro e abertura de salões de cabeleireiros no início de março, decisão relacionada à “dignidade” e higiene pessoal). Ainda em fevereiro, no entanto, os números voltaram a subir, possivelmente em decorrência das novas variantes. Para Christian Drosten, diretor do Instituto de Virologia do Hospital Charité, era o início da terceira onda da pandemia na Alemanha.

Apesar dos altos números em março, o plano de reabertura apresentado incluiu relaxamento das restrições de contato entre pessoas, abertura de estabelecimentos comerciais como floriculturas e livrarias (com medidas de higiene e distanciamento rigorosas) e posterior reabertura de comércio e serviços não essenciais, de acordo com a taxa de incidência de novas infecções nos últimos sete dias. Os residentes de Berlim dispõem, desde o dia 8 de março, de um teste de antígenos semanal e gratuito, a ser realizado nos centros de teste e farmácias cadastradas, com possibilidade de realização de RT-PCR, também gratuito. Além disso, supermercados passaram a vender testes

⁹ Os imunizantes até então disponibilizados em Berlim são dos laboratórios PfizerBioNTech, Moderna e AstraZeneca. Até 24 de março de 2021, apenas 4,46% da população havia sido completamente vacinada (duas doses), e 9,65% das pessoas receberam a primeira dose. (<https://www.berlin.de/corona/lagebericht/desktop/corona.html>, acesso em março de 2021).

¹⁰ Em 8 de Janeiro de 2021, foram registradas 31.894 novas infecções, com 1.188 mortes em 24 horas (<https://www.berlin.de/corona/lagebericht/desktop/corona.html>, acesso em março de 2021).

¹¹ A proibição de entrada é aplicável a pessoas que estiveram em um destes países dez dias antes da viagem. Para poder viajar é necessário apresentar um documento que comprove resultado negativo para infecção de coronavírus (teste RT-PCR realizado no máximo 48 horas antes da viagem) e ficar em quarentena por quatorze dias, além de fazer um registro online (<https://www.einreiseanmeldung.de>, acesso em 23.03.21).

rápidos (autotestes), mas a demanda foi muito maior do que a oferta e os testes esgotaram-se em poucas horas. A vacinação deve ser acelerada a partir de abril (com a inoculação sendo realizada também pelos clínicos gerais, em seus consultórios) e a previsão é que toda a população da Alemanha (aqueles que assim optarem) esteja imunizada até o final de setembro de 2021.

No momento do fechamento deste texto (final de março de 2021), a perspectiva a curto prazo não era animadora. De acordo com o Robert Koch Institut (RKI), instituição científica do governo federal no campo da biomedicina¹², o país deve apresentar, nos primeiros dias de abril, um aumento considerável no número de novas infecções. Em 23.03.21, 420 dias após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 na Alemanha, o país teve 7.485 novas infecções nas últimas 24 horas, com 250 mortes no mesmo período. A taxa de incidência dos últimos sete dias é de 98.6 em Berlim (108.1 na Alemanha)¹³. Neste mesmo dia, após uma reunião de seis horas e meia entre a chanceler alemã e os chefes de governo, decidiu-se mais uma vez estender o lockdown vigente até o dia 18 de abril, além de prolongar o feriado de Páscoa (de quinta 01.04 a segunda 05.04.21). A decisão inicial de fechar todo o comércio nesse período (com abertura dos supermercados exceto no sábado), foi revogada no dia seguinte, diante da possibilidade de gerar grandes aglomerações no sábado. O feriado deve ser encarado pelos alemães como um período para permanecer em casa (“#WirBleibenZuHause” ou “Nós ficamos em casa”¹⁴).

Desde o início da pandemia, portanto, o programa para controlar a disseminação do vírus explicita as ações individuais que devem ser efetivadas no espaço público (obrigatórias) e no espaço privado (recomendações). As diretrizes oficiais incluem orientações sobre a distância mínima a se manter entre pessoas em qualquer situação (1,5m), restrições de contato em espaços abertos e fechados, utilização de proteções faciais (máscaras cirúrgicas ou PFF2 sem válvula, proteção para si e para o outro¹⁵),

¹² <https://www.rki.de>, acesso em dezembro de 2020.

¹³ Ao final de março de 2021, o número total de infecções na Alemanha é de 2.674.710, com 74.964 mortes relacionadas (<https://www.rki.de>, acesso em 23.03.21). No Brasil, tem-se, no mesmo período, 12.047.526 casos confirmados e 295.425 mortos por COVID-19 (<https://covid.saude.gov.br>, acesso em março de 2021).

¹⁴ <https://www.berlin.de/aktuelles/berlin/6483360-958092-lockdown-und-regelungen-zu-ostern-senat-.html>, acesso em março de 2021.

¹⁵ Em Berlim, máscaras cirúrgicas ou PFF2 sem válvula (FFP2, na Alemanha, ou as similares N95, P2, DS2 e KN95) passaram a ser obrigatórias em estabelecimentos comerciais, escritórios e no transporte público, a partir de 19 de janeiro de 2021. Máscaras de tecido (industriais ou caseiras) não podem mais ser utilizadas nesses locais.

proibição do consumo de álcool em espaços públicos, especificação de locais abertos e ruas com obrigatoriedade do uso de máscaras, regras para quarentena, recomendações para reduzir as infecções nos locais de trabalho e diretrizes para o adequado arejamento dos ambientes, dentre outras medidas mais específicas¹⁶. Há ainda a “etiqueta pandêmica” recomendada pelo RKI, que inclui a realização de higiene adequada e frequente das mãos, tossir e espirrar no cotovelo (e não nas mãos), não tocar no rosto (principalmente olhos e boca), evitar o contato físico e manter a distância necessária. Este corpo higienizado e mediado por novos dispositivos que separam e filtram tem permissão para se movimentar e se relacionar com outros corpos de modo restrito no espaço urbano, afastando-se daquilo que define a noção de cidade. Para não sucumbir, o indivíduo precisa proteger-se por si e pelo outro, distanciando-se daquilo que conhece e que o constitui.

O programa pandêmico apresenta, portanto, diretrizes gerais bastante semelhantes entre os diferentes países (ainda que com graus de rigidez distintos, como se verifica ao se comparar as medidas adotadas no Brasil e na Alemanha); os modos de apropriação deste programa, ou seja, as maneiras como as cidades têm sido vivenciadas em 2020 e até o atual momento de 2021 são, por sua vez, contextualmente distintas. Serão apresentadas, a seguir, algumas espacialidades (e suas visibilidades) que, construídas a partir do espaço urbano que atualmente opera sob o protocolo pandêmico, foram flagradas em Berlim, em diferentes momentos da pandemia.

4.2 A REINVENÇÃO DO URBANO E A VISIBILIDADE DA CIDADE PANDÊMICA

Conforme citado, a Alemanha reagiu de maneira rápida e inicialmente eficaz ao surgimento do novo coronavírus, com a implementação de um rigoroso lockdown ainda em março de 2020. As amplamente divulgadas medidas restritivas, parte inalienável do programa pandêmico, foram abruptamente impostas. Naquele primeiro momento de adaptação, ainda não se sabia o alcance e a seriedade da crise, nem por quanto tempo

<https://www.berlin.de/aktuelles/brandenburg/6423310-5173360-verschaerfte-maskenpflicht-berlin-und-br.html>, acesso em março de 2021.

¹⁶ Todas as medidas vigentes para reduzir a disseminação do coronavírus encontram-se atualizadas na página oficial de Berlim, com informações em alemão, inglês e turco. Cf. <https://www.berlin.de/corona/massnahmen>, acesso em março de 2021.

as restrições permaneceriam em vigor. Ao longo de 2020 e até o presente, novos modos de se relacionar com o espaço e com o outro vêm sendo aprendidos, em um constante e turbulento exercício de resiliência.

O objeto empírico desta pesquisa explicitou relações que, assim como a cidade, são ambivalentes, contingentes e transitórias. Observou-se que o desenho do espaço urbano berlinense e sua matéria (que provém apoio físico às atividades coletivas), bem como as regras de utilização deste espaço (as diretrizes de conduta implementadas pelo poder público), ao serem submetidas ao novo programa pandêmico, passaram a atuar em instâncias distintas, mas inevitavelmente complementares. Neste contexto, as características do espaço urbano em Berlim possibilitam, por um lado, que algumas manifestações comunicativas flagradas na cidade se mostrem de modo mais coerente ao novo programa; por outro lado, esta mesma configuração do espaço urbano permite que a cidade escape ao programa, demonstrando uma prevalência do vivido sobre o programado. O medo (do vírus, do outro, da incerteza, da solidão, da morte - a lista é extensa), que permeia os espaços pandêmicos, também aparece mediado pelo urbano; neste sentido, quanto mais estruturado e organizado (mais liso ou mais facilmente controlado e vigiado) é este espaço, menos ameaçadoras são as relações construídas na cidade.

Há, assim, manifestações que podem ser interpretadas como mais “harmoniosas” entre o programa urbano existente e sua brusca atualização para o programa pandêmico; é onde o vigente contribui com o recém-imposto, sem gerar grandes arestas (pelo menos a curto prazo). O espaço urbano que possibilita a apropriação das novas diretrizes pela população em geral de maneira menos onerosa e dramática (comparativamente, por exemplo, a cidades como São Paulo e Salvador), tendo potencial para contribuir com sua efetivação e adequado seguimento de suas diretrizes, é estruturado de modo a abrigar uma sociedade menos desigual, onde a vida pública que conta com áreas comuns de qualidade para existir é priorizada. Este urbano planejado com ênfase no coletivo parece reduzir o ônus da implementação de todas as restrições sanitárias, ainda vigentes em boa parte do mundo.

Do mesmo modo, as gradações de medo do outro parecem variar, na cidade, de acordo com as características do seu espaço urbano, ou seja, conforme sua capacidade

de favorecer ou dificultar o distanciamento dos corpos, bem como de acolher os indivíduos em uma situação de crise¹⁷. Uma cidade (e seus distintos fragmentos) em meio a uma pandemia constrói-se, assim, de modo menos ameaçador na medida em que seu espaço urbano é planejado para funcionar de modo menos desigual, com suas soluções de mobilidade, saneamento básico, habitação, acesso a lazer e serviços e características dos espaços públicos desenhados em um contexto de maior sustentabilidade e justiça social e econômica.

Em Berlim, houve diferenças marcantes na apropriação do espaço no primeiro e no último (ainda vigente) lockdown. Em março de 2020, logo nos primeiros dias de confinamento, quase não havia movimento nas ruas. As pessoas estavam nas varandas, nas janelas - ou seja, no limbo entre o público e o privado, ou no privado que se publicizou ao se constituir como o único fora possível. O medo do desconhecido e de seus tentáculos invisíveis, incorporado no outro, manteve quase todos isolados. O espaço foi marcado por novos símbolos, as conversas seguiam pontuadas por novas expressões e os corpos passaram a ser limitados para que pudessem proteger e ser protegidos. Era permitido, no entanto, sair para fazer exercícios físicos, levar auxílio para alguém doente, ir ao médico, ao trabalho (aqueles que não podiam fazê-lo de modo remoto), ao supermercado e à farmácia.

E, aqui, o programa pré-pandemia (materializado no espaço urbano) acolhe aqueles que precisam, em algum momento, estar fora e ao mesmo tempo responder às novas demandas: em Berlim, há espaço, a cidade tem chão para existir em segurança, mesmo em meio à pandemia. Tem-se onde caminhar, mantendo-se a distância necessária do outro. Pode-se optar pela bicicleta, patinete ou skate para se locomover sem sobrecarregar o sistema de transporte público e para reduzir os riscos de contaminação. É possível sair com um carrinho de bebê ou levar um idoso para uma caminhada sem ter qualquer proximidade com o outro. A mobilidade e a acessibilidade de pedestres são garantidas por largas calçadas com pisos regulares e sem obstáculos,

¹⁷ Trata-se, claramente, não apenas do espaço urbano, mas de todas as decisões políticas, sociais e econômicas que colocam a população em lugares bem distintos, se compararmos a atuação dos governos da Alemanha e do Brasil ao longo da pandemia. Para citar apenas algumas medidas econômicas adotadas pelo primeiro país, foram concedidos inúmeros auxílios às pequenas empresas e autônomos; pagamentos incondicionais para todas as famílias com filhos, pais e mães solteiras; pagamento de licenças para que os pais e mães pudessem cuidar dos filhos em casa; redução de impostos; programa de ações para empresas a fim de manter empregos e criar novas perspectivas etc. Todas as ações estão descritas na página do Ministério das Finanças alemão (<https://www.bundesfinanzministerium.de/Web/DE/Home/home.html>, acesso em março de 2021).

bem como pela presença de rampas, sinalização e iluminação adequadas. Os ciclistas contam com uma ampla e eficiente rede de ciclorrotas, ciclofaixas e ciclovias, além de serem respeitados pela grande maioria dos motoristas. No contexto pandêmico, em que se deve manter distância do outro e evitar aglomerações, poder escolher o modo de locomoção porque o desenho do espaço urbano (e as demais decisões políticas, econômicas, sociais e ambientais) assim permitem, faz com que sair de casa, quando necessário, não seja tão ameaçador: há, aqui, como manter distância do outro, espacialmente falando. Nesta mesma direção de análise, a existência de amplas áreas verdes de uso comum, assim como de espaços desenhados para a prática de esportes e parquinhos para crianças, também surge como um respiro necessário em tempos de sufocamento generalizado (Figuras 11, 12, 13).



Figuras 11, 12, 13 - Calçadas em Prenzlauer Berg, Berlim

Fonte: Adriana Gurgel, julho e dezembro de 2020

Por outro lado, há também, conforme citado anteriormente, manifestações que explicitam a predominância do vivido sobre o programado, ou seja, modos de se apropriar do urbano que escapam às regras de uso do espaço (fisicamente demarcadas e extensivamente comunicadas em diversos suportes) e que emergem na cidade de maneira oposta às principais diretrizes pandêmicas. O espaço urbano berlinense - as mesmas calçadas, ruas, praças e parques que permitem que se mantenha a distância segura do outro - tem abrigado, desde o início da adoção de medidas restritivas, demonstrações contrárias ao programa pandêmico. Em Berlim, ocorreram pelo menos quatro grandes protestos; o maior, em agosto de 2020, contou com aproximadamente

30.000 participantes¹⁸. O principal argumento, conforme o grupo que se intitula “Querdenker”, afirma que as medidas adotadas são uma violação inconstitucional das liberdades civis. A visibilidade construída por milhares de pessoas, a grande maioria sem máscara, aglomeradas na Straße des 17. Juni, entre o Brandenburger Tor e a Coluna da Vitória (mesmo local onde é comemorado o Ano Novo em Berlim - exceto em 2020), em meio a uma crise sanitária sem precedentes, contrasta violentamente com a visibilidade dos lugares pandêmicos esvaziados, dos espaços turísticos destituídos de movimento, dos corpos solitários e cautelosos movimentando-se de modo limitado. As palavras de ordem, aqui (“Es gibt keine Pandemie” / “Não existe pandemia”; “Freiheit braucht Mut” / “Liberdade exige coragem”; “Für Freiheit und Demokratie” / “Pela liberdade e pela democracia”), também se opõem diretamente àquela dimensão comunitária do programa pandêmico anteriormente citada. Esta apropriação do espaço construído para o uso comum por demandas individuais e descoladas do senso de comunidade exacerba a ambivalência que emerge, em tempos pandêmicos ou não, continuamente na cidade (Figuras 14, 15).



Figuras 14, 15 - Vista do Brandenburger Tor em agosto e em março de 2020.

Fontes: www.berlin.de e www.dw.com/de

Esta oposição entre os espaços urbanos vazios e a ocupação de espaços de modo desvinculado do programa pandêmico e ignorando as diretrizes sanitárias ocorreu, em Berlim, em distintas escalas e circunstâncias. Nos últimos dias de março de 2020,

¹⁸ Os protestos em Berlim ocorreram em abril, agosto e novembro de 2020, e em março de 2021. Incluíram um amplo espectro de participantes, desde a extrema direita até a extrema esquerda, bem como apoiadores de teorias da conspiração e pessoas contrárias às vacinas.

enquanto o centro da cidade encontrava-se deserto e os pontos turísticos da capital alemã apareciam esvaziados em imagens veiculadas na mídia, parques como o Görlitzer Park e Hasenheide estavam cheios de jovens sentados na grama, confraternizando alegremente e desconsiderando a obrigatoriedade de distanciamento social. Do mesmo modo, pequenas aglomerações em torno das mesas de ping pong, tão frequentes nas praças de Berlim, bem como jogos de basquete nas quadras espalhadas pela cidade, explicitam que a vida não se contém - quando ainda se tem escolha. Em Berlim, ao contrário do que ocorre na maior parte das grandes cidades brasileiras, a maioria da população não precisaria sair e se aglomerar (como no transporte público de São Paulo e Salvador), e isto se deve, também, ao programa urbano existente e à sociedade menos desigual.

Como manifestação comunicativa marcante do primeiro lockdown pode-se citar, ainda, a visibilidade das prateleiras de supermercado vazias. Durante semanas, em março e abril, faltava papel higiênico, produtos de limpeza e desinfetantes (principalmente álcool gel), além de macarrão, farinha de trigo, ovos e comidas enlatadas, pois muitos recorreram ao “hamsterkauf”, expressão que, em referência ao fato do hamster armazenar comida nas bochechas, define a acumulação em tempos de pânico generalizado e potencial escassez de itens de necessidade básica. Dos produtos em falta nos supermercados, o mais emblemático parece ser o papel higiênico, transformado em metáfora de segurança e símbolo da crise marcada pela perda de controle, máxima incerteza e mudanças abruptas e inesperadas. Em Berlim, além das brigas por pacotes entre consumidores desesperados, um mural no Mauerpark, um dos mais representativos da cidade, ilustra o Gollum do Senhor dos Anéis encantado com um rolo de papel higiênico, preciosidade maior em tempos de crise (Figuras 16, 17).



Figuras 16, 17 - O papel higiênico como metáfora de segurança na pandemia
Fonte: Adriana Gurgel, março de 2020; Emmanuele Contini/imago images

Apesar destas manifestações contrárias ao plano para controle da pandemia, a maioria dos cidadãos cooperou com as restrições, que foram menos severas do que na Itália, Espanha ou França. Pequenas reuniões ainda eram permitidas e as bicicletas passaram a ter ainda mais importância como modo de locomoção. O sistema de saúde resistiu melhor do que em muitos outros países. Após a primeira onda, ainda na primavera alemã, com a eficácia do lockdown e a redução no número de novas infecções, as restrições foram relaxadas e a percepção era de que “o pior havia passado”. Mas, com a chegada do outono, os sinais da segunda onda (em grande parte, decorrentes das viagens de verão) estavam evidentes. E, logo viria mais um lockdown, que ainda se encontra vigente.

Em março de 2021, mais de um ano após a notificação do primeiro caso de Covid-19 na Alemanha, é difícil, por vezes, perceber que há um lockdown em curso. O comércio não essencial continua fechado, assim como equipamentos esportivos e culturais; restaurantes e cafés funcionam, desde novembro, apenas para retirada ou entrega. As ruas, no entanto, estão cheias. Escolas e creches estão abertas. As temperaturas começam a subir, as primeiras folhas e flores da primavera começam a despontar. Depois de um longo inverno dentro de casa, e vivendo o atual descontentamento com a gestão da pandemia (principalmente em relação à escassez de vacinas), as pessoas estão nas praças, nos parques, nas quadras. Há filas na calçada para comprar sorvete, para pegar um café e sentar no banco sob o sol da primavera, e a maior parte da população não utiliza máscara nas ruas e demais espaços abertos (Figuras 18, 19, 20).

Ao mesmo tempo, especialistas afirmam que se não forem adotadas, com urgência, medidas ainda mais restritivas, a terceira onda contará com números significativamente maiores do que a segunda, devido ao potencial de contaminação e agressividade da mutação B.1.1.7.



Figuras 18, 19, 20 - Grupos aproveitando o sol e o início da primavera em Prenzlauer Berg, Berlim
Fonte: Adriana Gurgel, março de 2021

As espacialidades e visibilidades pandêmicas em Berlim distinguem-se, portanto, entre o primeiro lockdown e o último. Há, agora, um número bem maior de pessoas nas ruas, movimentando-se em meio à sinalização ainda presente, deslocando-se no espaço urbano ainda estriado devido a todas as diretrizes do programa pandêmico. A obrigatoriedade de utilização de máscaras cirúrgicas ou PFF2 sem válvula em estabelecimentos comerciais, escritórios e no transporte coletivo parece também ter diminuído o medo de estar perto do outro, embora visualmente as máscaras indiquem a situação pandêmica. No início da pandemia, chegou-se a discutir se as máscaras eram efetivas ou não e era possível usar máscaras de tecido ou cachecóis, apesar de não se saber ao certo o quão protegido se estava. Praticamente não se vê mais, em Berlim, estas proteções faciais de tecido, sejam industriais ou caseiras, e a legitimação da proteção pelas máscaras cirúrgicas e PFF2 transforma aquele outro, anteriormente tão ameaçador, em mais um que busca, dia após dia, reinventar-se, como faz a cidade.

Há, portanto, um descompasso variável (e controlado, em maior ou menor grau) entre o espaço programado, institucionalizado pelo poder, e a espacialidade do lugar da cidade, que se manifesta em distintas apropriações cotidianas. É o movimento que atualiza o programa, suas possibilidades e limitações; é o encontro que constrói a cidade, seus lugares de conflito e harmonia. Suprimida de movimento e esvaziada, a cidade escapa e se desloca em meio a novas visibilidades de separação, marcadas por inúmeros filtros e por corpos limitados e limitantes que constituem ameaça a si e ao outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutiu-se ao longo deste artigo, a consideração do modo de agir do programa pandêmico não pode ignorar a memória semiótico-informacional relativa aos usos já existentes do urbano e da cidade. As demandas da urbe sempre foram as mesmas; a pandemia e suas restrições, incertezas, endurecimento de fronteiras e diluição das áreas de transição e ambivalência apenas exacerbaram os aspectos do plano urbano que funcionam, bem como aqueles que não funcionam. Nesse sentido, pelo programa pandêmico, constrói-se um grande metatexto que nos permite apreender os devires da urbe.

No caso específico de Berlim, nota-se que a sensação de segurança e controle oferecida pelo planejamento urbano não apenas funciona como um facilitador para a implantação de medidas que visam disciplinar o modo de estar no espaço, como também resulta por intervir na constituição de uma maior sensação de segurança que concerne aos encontros que constroem a cidade, mesmo em meio à pandemia. Sobretudo durante aquilo que se convencionou chamar de terceira onda, aliada ao início da primavera na capital alemã, observou-se o surgimento de aglomerações de forma espontânea, e não motivadas pela necessidade de deslocamento ou ausência de condições mínimas de subsistência para permanecer em casa: a ameaça representada pelo outro parece arrefecer. A nosso ver, em parte, isso também é decorrente do hábito já suficientemente construído pelo programa urbano, em que o outro não se mostra tão ameaçador. Nesse sentido, pode-se aventar em que medida o vivido cede ao programa

de modo a gerar, com isso, uma falsa sensação de liberdade e de encontro, uma vez que ainda se encontra mediada pelo urbano.

Ainda que isso seja válido para Berlim, acreditamos que o mesmo não pode ser dito em relação a cidades nas quais o planejamento urbano praticamente inexistente, ou ainda, em que a desigualdade social é premente. É o que a continuidade desta pesquisa buscará explorar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade em ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEDORD, G. Teoria da Deriva. In JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade** (pp. 87-91). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

FERRARA, Lucrécia. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FERRARA, Lucrécia. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Yuri M. Caza de brujas: la semiótica del miedo. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 329, p. 5-33, 2008.

MERKEL, Angela. "Lassen Sie uns mutig und wachsam sein". 13/05/2020 Disponível em: <https://www.bundeskanzlerin.de/bkin-de/aktuelles/kanzlerin-regierungsbefragung-1752548>. Acesso em: 04 maio 2021.

MERKEL, Angela. „Wir müssen wachsam und diszipliniert bleiben“. 20/04/2020 Disponível em: <https://archiv.cdu.de/corona/merkel-diszipliniert-bleiben>. Acesso em: 04 maio 2021.

MERKEL, Angela. Kanzlerin Merkel über die Corona-Warn-App. 20/06/2020 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hNcd-RD3Qn0&ab_channel=Bundesregierung. Acesso em: 04 maio 2021.

MERKEL, Angela. Kanzlerin Merkel: Diese App verdient Ihr Vertrauen. 20/06/2020
Disponível em: <https://www.bundeskanzlerin.de/bkin-de/aktuelles/app-verdient-vertrauen-1763006>. Acesso em: 04 maio 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico, científico, informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SENNETT, Richard. **Construir y habitar. Ética para la ciudad**. Barcelona: Anagrama, 2019.

SOBRE OS AUTORES

Lucrécia D’Alessio Ferrara

Professora livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. É professora titular emérita da PUVSP e professora titular aposentado da USP. Atualmente exerce a função de professor titular junto ao programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Líder do Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (ESPACC)

E-mail: ldferrara@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4727-9817>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1606647058708790>

Regiane Miranda De Oliveira Nakagawa

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, realizou estágio pós-doutoral na Escola de Comunicações e Artes da USP e na Universidade Complutense de Madrid. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT/ UFRB. Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: regianemo@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2039-7610>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7680536312079803>

Adriana Maciel Gurgel dos Santos

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, com doutorado sanduíche na Universidade Livre de Berlim). Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: adrianamgs@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5360-7637>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5545397358628684>

Desiré Blum Menezes Torres

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ SP, Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá, Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade Estadual de Londrina, Docente adjunta na Universidade Estadual de Londrina - Departamento de Comunicação na graduação e stricto sensu, Membro da CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: desire_menezestorres@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6272-9943>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9790014083977608>

Fabíola Ballarati Chechetto

Doutoranda em Comunicação e Semiótica pelo PEPGCOS/PUC-SP e participante do Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (ESPACC). Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (FCL), graduada em Língua e Cultura Italiana com ênfase em Arqueologia Clássica (ICoN, Itália) e graduada em Psicologia pela Universidade São Marcos (USM). Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: fabiolachechetto@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2095-6523>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6222693517445208>

Maria Luísa Acioli Falcão de Alencar

Doutoranda em Design pela FAU-USP, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Bacharel em Design pela UFPE. Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: afalencar.marialuisa@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0001-6128>

Lattes: lattes.cnpq.br/6820838669714000

Luiz Fernando de Biazzi Seba

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Mestrando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do grupo de pesquisa ESPACC - Espaço-Visualidade Comunicação-Cultura (PUC/SP).

E-mail: biaziseba@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9196-0917>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6463771490352067>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

FERRARA, Lucrécia D’Alessio *et al.* O programa pandêmico e a urbe: o caso de Berlim. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 6-32, jan./jun. 2021.

RECEBIDO EM: 09/05/2021

ACEITO EM: 08/06/2021